

O MUNICIPALISMO LIBERTÁRIO E A REVOLUÇÃO EM ROJAVA

Isaías Albertin de Moraes¹
isaiasalm@gmail.com

Fernando Antonio da Costa Vieira²
fermavieira@uol.com.br

Introdução

A guerra civil da Síria, que teve início em março de 2011, é considerada a maior crise humanitária do século XXI até o momento segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) estima que houve, até o presente, 5,5 milhões de refugiados sírios e 6,6 milhões de deslocados internos no país (ACNUR/Global

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara). Pesquisador do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Economia Solidária, Criativa e Cidadania (NEPESC/Unesp). Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES.

² Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes (IUPERJ/UCAM). Coordenador do Grupo Movimentos Sociais e Mídia: Embates e Aproximações.

Trends, 2016). Desde o início do conflito, o número de pessoas severamente feridas é de mais de 2 milhões e o número de mortos já passa os 511 mil de acordo com *Syrian Observatory for Human Rights (SOHR)*, sendo que 85% foram vítimas de ataques do governo ou de forças aliadas (SOHR, 2017). Segundo *Syrian Center for Policy Research (SCPR)*, dos 20,8 milhões de habitantes que o país possuía em 2011, 11,5% foram mortos ou sofreram ferimentos graves. Atualmente a população da Síria é de aproximadamente 18,4 milhões (SCPR, 2017).

O conflito sírio iniciou-se após manifestantes irem às ruas pedindo mudanças políticas e econômicas em março de 2011. O estopim para as manifestações foi a prisão e as torturas de adolescentes e de crianças na cidade de Daraa, no sudoeste da Síria. Quinze jovens, alguns com idades de 10 anos, inspirados pelas manifestações populares, que naquele momento estendiam-se pelos países árabes, a Primavera Árabe, picharam frases contra o regime opressivo de Bashar Al-Assad nos muros de uma escola. Uma dessas, usando da rima que o idioma árabe proporciona, afirmava o seguinte “Agora é sua vez, doutor!”³, outras reproduziam os conhecidos *slogans* dos recentes levantes populares da Tunísia e do Egito : “O povo quer a queda do regime” e “Liberdade” (WEISS & HASSAN, 2015, p. 126-127).

Os pais dos adolescentes solicitaram publicamente a soltura de seus filhos, afirmando que eram apenas jovens estudantes e que não representavam ameaças ao regime de Assad, que está no poder desde 2000. Alguns pais afirmaram que os jovens eram os únicos filhos meninos que possuíam. Na ocasião, o chefe das forças de segurança do regime, General Atef Najib, primo de Assad, declarou: “Mande-nos suas esposas e faremos filhos novos para

³ Bashar Hafez al-Assad é formado em medicina e é conhecido como o doutor que virou ditador ente seus opositores.

vocês” (WEISS & HASSAN, 2015, p.127). A declaração de Najib provocou fortes protestos em Daraa.

Em 15 e 16 de março de 2011, as manifestações em Daraa e em Damasco avolumaram-se. A pauta exigia o fim da lei de emergência (vigente desde 1963) e dos tribunais de exceção. O regime de Assad recorreu ao efetivo policial tradicional e a *Mukhabarat* (polícia secreta) para conter o levante, além de afirmar se tratar de uma rebelião armada de grupos salafistas⁴. Em 23 de março de 2011, ocorreram novas manifestações em Daraa, que foi duramente reprimida pela ditadura de Assad. A força coercitiva do governo sírio agiu de forma brutal, deixando pelo menos 100 mortos, segundo dados da *SOHR*. Isso fez com que outras cidades e grupos aderissem ao levante. Em pouco tempo, manifestações espalharam-se por Damasco, Homs, Baniyas, Talkalakh e Alepo.

Para conter os levantes, que se tornaram cada vez maiores e mais organizados, Assad lançou mão da polícia e da *Mukhabarat*, mas, também, do exército e de grupos milicianos pró-regime. Torturas e estupros tornaram-se armas utilizadas pelas forças repressoras para levar o medo à população. Tal fato intensificou a determinação dos manifestantes que ampliaram suas ações diretas. Alguns grupos anti-Assad começaram a pegar em armas, primeiramente para se defender, posteriormente para expulsar as forças de segurança e seus simpatizantes, transformando, assim, em centros de poderes em determinadas regiões.

Em 30 de junho de 2011, foi criado o Exército Sírio Livre (ESL). O grupo era formado por militares desertores que recusaram a atirar em manifestantes. Inicialmente, o ESL teve apoio da população ao defender a queda de Assad e a instauração de um regime democrático e secular na Síria. Os EUA e

⁴ Salafismo é um movimento ortodoxo do islamismo sunita fundamentalista e ultraconservador, defendendo, por exemplo, a aplicação da sharia.

seus aliados, por interesses geopolíticos e geoeconômicos na região, destinaram recursos e capacitação para o ESL. À medida que o ESL crescia os grupos e as divergências internas multiplicaram-se. De acordo com Lister (2016), há mais de 80 unidades e associações que se intitulam membros do ESL. Em sua maioria grupos radicais islâmicos *jihadistas* que aproveitaram o financiamento e o treinamento externo e se estabeleceram. Em virtude de um vazio de poder em diversas cidades, usando de redes de financiamento e de representações já instaladas na região, os grupos fundamentalistas religiosos ganharam cada vez mais espaço. Muitos se organizaram em torno do autoproclamado Estado Islâmico (EI)⁵ no leste do país e da Frente *AlNusra* (posteriormente rebatizada de *Fateh al-Sham*) no oeste. Ambos conseguiam financiar seus armamentos por meio da exploração e troca de petróleo no mercado negro.

Ao norte do país, a população curda aproveitou o enfraquecimento do regime de Assad e se organizaram. O *Partiya Yekîtiya Demokrat (PYD)* (Partido de União Democrática) instituiu exércitos de autodefesa, além de organização política-social-econômica independente de Damasco. Percebe-se que os conflitos armados rapidamente alastraram-se pelo país e os combates tornaram-se mais complexos, deixando de serem somente enfrentamentos entre pró-Assad X anti-Assad, assomando questões sectárias entre maioria sunita do país, xiitas e alauítas, além de questões étnicas e territoriais, como os dos curdos em Rojava no norte da Síria. A Síria, ao contrário de outros países da região, é uma nação multicultural e multiétnica: cerca de 60% da população são de sunitas, 10% de alauítas, 10% de cristãos, 10% de curdos, 8% de drusos e 2% de xiitas (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014).

Para deixar o cenário mais complexo ainda, a Guerra da Síria passou a contar com forte participação de potências e grupos internacionais. A princípio,

⁵ O EI também é chamado pelo acrônimo *Daesh*.

os EUA e seus aliados ocidentais, mormente França e Reino Unido, opuseram-se ao regime de Bashar Al-Assad e financiaram o ELS. Desde 2013, o Irã e o grupo paramilitar libanês *Hezbollah* apoiam diretamente o governo ditatorial de Assad e lutam contra o EI, o ELS e o *Fateh al-Sham*. Desde 2015, a Rússia destinou homens e recursos para suportar Assad, construindo bases no país, e a China vem dando apoio indireto a Damasco (CHULOV et al, 2015; CHARLEAUX, 2018). Com a entrada da Rússia no conflito e com a adesão de fundamentalistas islâmicos ao ELS, os EUA deixaram de apoiar sistematicamente o grupo e começaram a agir de forma mais pontual. Uma das estratégias dos estadunidenses foi de realizar bombardeios cirúrgicos contra o EI e contra centros de armas químicas de Assad. Além de financiar e treinar as forças curdas no norte do país (GUMRUKCU; NEHME, 2018).

O ELS, sem financiamento dos EUA, recorreu ao apoio da Turquia que tem interesse de usar o grupo para conter os curdos no norte e para adquirir petróleo barato no mercado negro. A Rússia, em mais de uma ocasião, acusou a Turquia de comprar petróleo do EI e de armar o grupo (BROOKS-POLLOCK, 2015). A Rússia, desse modo, bombardeou fortemente as instalações do EI, fazendo com que o grupo perdesse força. Conforme estudo da consultoria de conflitos *IHS Markit* (2017), o EI perdeu 60% de seu território, que englobava parte da Síria e do Iraque, e 80% de sua receita. Vários ex-combatentes do EI filiaram-se ao ELS, que segundo Lister (2016), atualmente não passa de diversos grupos islâmicos radicais sem uma direção coesa.

Observa-se que a complexidade social, política, econômica, cultural e militar; a multifatorialidade, a quantidade de atores envolvidos e a contemporaneidade da Guerra da Síria fizeram com que houvesse a necessidade de uma delimitação temática e temporal bem estruturada para evitar desvios analíticos e teóricos para realização da pesquisa. Dessa maneira, buscando

contribuir para os avanços acadêmicos sobre a questão, sem, entretanto, ter a pretensão de ser um estudo definitivo e profundo sobre o tema proposto, mas se apresentando como uma análise descritiva e conjuntural, este artigo tem como delimitação temática a Revolução de Rojava, norte do país, com domínio dos curdos, liderada pelo *PYD*. Optou-se pelo recorte histórico a partir de 2005.

O *PYD*, seu modo operante, sua estrutura ideológica-político, sua construção social e econômica está tendo parca cobertura da mídia ocidental e do meio acadêmico. A pesquisa escolheu tal unidade de análise em razão de seu valor histórico, social, cultural e político ímpar na contemporaneidade. O *PYD* não se apresenta somente como um grupo anti-Assad ou independentista, mas como um grupo que está buscando promover uma Revolução Socialista Libertária na região de Rojava. O modelo que o *PYD* defende de organização social-política-econômica é inovador, pois rejeita o papel do Estado-nação e da democracia representativa, privilegiando o poder local e a democracia radical. O marco teórico que o *PYD* se orienta é o do Municipalismo Libertário de Murray Bookchin.

O estudo adotou como método de análise o histórico-documental e como objetivo metodológico o exploratório. Assim, a pesquisa visou orientar mais na formulação de hipóteses do que de responder a perguntas. Além de ter utilizado de ferramentas da análise conjuntural como, reunião, simultaneamente com esforços de conhecimentos e descobertas sobre a temática, configurando o recorte temporal, ladeando com retrospectivas históricas e teóricas responsáveis pela explanação e pela argumentação do artigo.

Realizou-se o levantamento, a seleção, o fichamento e o arquivamento de informações relacionadas ao objeto estudado. Adotou-se, posteriormente, uma abordagem sistemática por meio da avaliação crítica dos dados bibliográficos e históricos, de fontes primárias e secundárias. O estudo utilizou,

nesta fase, da triangulação de dados, recorrendo a livros, jornais, revistas, filmes, entre outros meios, objetivando a construção dos acontecimentos rotulados pelos fatos relevantes, cenários ou lugares de ocorrências de ações, bem como o papel de agentes, as relações de forças (confronto, coexistência ou cooperação), as estratégias, as táticas e as articulações entre a conjuntura e a estrutura que corroboraram ou viabilizaram o surgimento do fenômeno analisado.

Para compreender o *PYD*, suas frentes de batalhas no norte da Síria, a defesa de um modelo socialista libertário, é preciso assimilar o processo histórico que o influenciou, isto é, o movimento político da luta do povo curdo por autonomia e o protagonismo do *Parti Karkerani Kurdistan (PKK)* nesse propósito. Para tanto, o artigo foi dividido em três partes. A primeira procurou abarcar a construção de um diagnóstico centrado na linha histórica interpretativa de identificação dos movimentos políticos da luta do povo curdo por autonomia e no protagonismo do *PKK*. A segunda parte tentou abarcar como o *PKK* e seu aliado sírio o *PYD* vêm moldando sua ideologia marxista-leninista para um viés socialista libertário, conhecido como Municipalismo Libertário. A terceira seção pretendeu apresentar como está sendo organizada a sociedade em Rojava. Nas considerações finais, a pesquisa buscou englobar a apreciação, constituída pelo diagnóstico histórico-teórico e pelos indicadores conjunturais apresentados, levantando algumas hipóteses sobre a temática analisada.

O Povo Curdo e o *PKK*

Os curdos são um grupo étnico formado por aproximadamente 26 milhões de pessoas distribuídos nos territórios da Armênia, Azerbaijão, Irã, Iraque, Síria e Turquia. Essa região, com forte presença curda, com aproximadamente 450 mil quilômetros quadrados, é conhecida como Curdistão.

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

As origens históricas dos curdos são imprecisas. Acredita-se que são descendentes da grande família indo-europeia que se fixou na região há cerca de 4.000 anos. Entre essa se destacaram os medos, os armênios, os persas e os turcos. Os curdos consideram-se descendentes dos medos, tribo ariana que lutou para derrubar o Império assírio em 612 A.C. A organização social dos curdos baseia-se na formação de clãs. A maioria dos clãs usa o idioma curdo. Esse tem sua raiz no indo-europeu, como o persa, mas a grafia pode variar. Alguns grupos falam outros idiomas, como: *Gorani*, *Bajelani*, *Kirmanjki*, *Dimli*, *Sarli* e *Shabaki*. Os curdos tiram sua subsistência de atividades como: o pastoreio, a agricultura e a confecção artesanal de roupas e tapetes (FERNÁNDEZ, 2007; KREYENBROEK & SPERL, 1992; McDOWALL, 2004; ÖCALAN, 2008).

Durante a expansão árabe, no século VII, os curdos, em sua maioria, converteram-se ao islamismo, tendo sido designados de *Kurti*, palavra suméria que significa “povo da montanha”. Atualmente, essa é a religião predominante entre os curdos em sua vertente sunita da escola *Shafi'i*. Há, ainda, um terço dos curdos que professam o *yazidismo* (comunidade étnico-religiosa com sincretismo entre: zoroastrismo, islamismo, cristianismo e tradições pré-islâmicas), alguns o judaísmo e o cristianismo, mas são minorias. A partir do século X começou a se formar os primeiros principados curdos na região do Curdistão. Os principados permaneceram autônomos até 1639, quando a região foi dividida entre os impérios Persa e Otomano. Desde então, sucessivas reorganizações territoriais, políticas e econômicas foram sendo realizadas no território onde os curdos habitam de acordo com os interesses da geopolítica internacional (FERNÁNDES, 2007; KREYENBROEK & SPERL, 1992; McDOWALL, 2004).

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com o desmembramento do Império Otomano, a região do Curdistão foi recortada por fronteiras de

diferentes Estados-nações. A maioria do povo curdo ficou na Turquia, entre 12 a 15 milhões, aproximadamente 19% da população; no Irã, em torno de 5 milhões, mais de 7%; no Iraque, de 4 a 5 milhões, 20%; na Síria 1,8 milhão, 10%; e outros 300 mil espalhados na Armênia e no Azerbaijão. Há, também, um milhão de curdos pelo mundo, grande parte vive na Alemanha (FERNÁNDES, 2007; KREYENBROEK & SPERL, 1992; McDOWALL, 2004).

As promessas da França e do Reino Unido, durante as negociações de paz pós-Primeira Guerra Mundial, de estabelecer o Estado Curdo foram frustradas com a ascensão de Mustafa Kemal Atatürk ao poder da Turquia. Em 24 de julho de 1923, Atatürk, liderando o Movimento Nacional Turco, conseguiu proclamar a República da Turquia e a criação da Grande Assembleia Nacional da Turquia (KREYENBROEK & SPERL, 1992; McDOWALL, 2004; NEZAN, 2016). O novo regime turco, buscando a unificação do país, empenhou-se em combater a língua, a cultura e as instituições curdas. Em março de 1925, houve a primeira grande revolta curda, a Rebelião do Sheik Said. Ela foi organizada pelo Sheik Said Piran e outros membros do clero da tribo *zazá*, que se consideram eticamente parte dos curdos. Não alcançou sucesso. (OLSON, 2000; SAYAN, 2002; JWAIDEH, 2006).

No mesmo ano, iniciou-se na antiga província de Karaköse, no nordeste da Turquia, uma nova revolta comandada pelo General Ihsan Nuri Pasha. Os rebelados, liderados pelo comitê central do Partido libanês *Khoybun* (Independência), composto por curdos e armênios, proclamaram a criação de um Estado Curdo, a República de Ağri. A ação, todavia, não teve reconhecimento de outros países. Sofrendo forte pressão turca, que mobilizou mais de 60 mil homens e 100 aeronaves para região em 1930, os curdos tiveram de se retirar e não conseguiram estabelecer seu país (OLSON, 2000; SAYAN, 2002; JWAIDEH, 2006).

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

Entre 1936 a 1938, houve a Revolta de Dersin dirigida pelo Sheik Sayyid Riza. O desencadeamento da revolta ocorreu, entre outros motivos, pela Lei de Reassentamento aprovada pelo governo Turco. Essa visava, entre outras medidas, o deslocamento forçado de pessoas dentro do país, com o objetivo de promover a homogeneidade cultural. O governo turco combateu fortemente a revolta enviando tropas e aviões, os líderes foram enforcados. Depois desse episódio, o governo turco implementou a lei marcial na região, destruindo aldeias, deportando pessoas, fazendo limpeza étnica e incentivando a imigração de kosovares albaneses e assírios. Acredita-se que mais de 1,5 milhões de curdos foram deportados ou mortos entre os anos de 1925 a 1938. Os curdos não podiam mais usar seus idiomas, sua história foi retirada dos livros escolares e as palavras “curdos” e “Curdistão” foram banidas dos dicionários. Os curdos passaram a ser denominados de “turcos das montanhas” (OLSON, 2000; HOUSTON, 2008; JWAIDEH, 2006; BRUINESSEN, 1994).

O cerco militar em toda região a leste do Eufrates se manteve até 1950. A entrada de estrangeiros na região foi controlada severamente pelo regime turco até 1965. A batalha pela autodeterminação curda foi sufocada. O renascimento do movimento organizado curdo se reestruturou somente na década de 1970 sob o amparo dos grupos marxistas que tinham células em toda Europa naquele período. Em 1974, Abdullah Öcalan, até então um estudante de Ciência Política da Universidade de Ankara, começou a se articular com grupos militantes de esquerda, como a *Dev-Genç* (Federação Revolucionária da Juventude da Turquia) de influência marxista. Em 27 de novembro de 1978, ele fundou, juntamente com outros estudantes, como Sakine Cansiz, Kemal Pir e Haki Karer, o *PKK* em um pequeno povoado na região de Diyarbakir. O *PKK* conseguiu se organizar na zona rural do Curdistão turco e estabelecer alguns centros operacionais nas cidades, ganhando simpatia da população curda. Öcalan foi capaz de estruturar o

PKK fora das dominações dos clãs curdos em um modelo mais burocrático e secular. Aliás, muitos dos chefes de clãs foram, inclusive, combatidos pelo *PKK* por colaborarem com o governo turco (MARCUS, 2007; ÖCALAN, 2008; VÁSQUEZ, 2015).

Em 12 de setembro de 1980, a Turquia sofreu um golpe militar liderado pelo Chefe do Estado Major General Kenan Evren. Os golpistas afirmavam que o país estava vivendo preocupantes ameaças comunistas. Houve severas repreensões aos movimentos de esquerda. O *PKK* sofreu duplamente: primeiro por ser marxista, segundo por ser um partido curdo. Em 15 de agosto de 1984, o *PKK*, portanto, optou oficialmente pela luta armada.⁶ Organizando-se em guerrilha com objetivo da libertação nacional e de emancipação do povo curdo por meio da criação de um Estado Curdo único, socialista e independente, o *PKK* atacou as instalações militares em Eruh e em Semdili (MARCUS, 2007; ÖCALAN, 2008; VÁSQUEZ, 2015).

O *PKK* criou o *Hêzên Rizgariya Kurdistan (HRK)* (Força para Libertação do Curdistão), liderado por Mahsum Korkmaz que se estabeleceu nas montanhas a leste da Turquia e abriu duas frentes de batalhas. A primeira era contra alguns líderes dos clãs curdos e outros grupos que foram acusados por Öcalan de não defenderem os interesses de seu povo, mas o do opressor. A segunda foi contra o próprio governo turco e às milícias de direita que realizavam uma política de assimilação forçada dos curdos, o *HRK* desencadeou, assim, uma série de ataques a instalações policiais, militares e a líderes políticos (VÁSQUEZ, 2015; MARCUS, 2007).

⁶ O *PKK* já realizava ações militares anteriormente, como a tentativa de assassinato do líder tribal curdo Mehmet Celal Bucak, acusado de explorar camponeses curdos e de colaborar com a Turquia; o atentado ao consulado turco em Estrasburgo na França com apoio do grupo radical armênio *Armenian Secret Army for the Liberation of Armenia (ASALA)*; além de combates contra grupos paramilitares fascistas na Turquia.

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

As Forças Armadas turcas, que governavam o país por meio de um Conselho de Segurança Nacional, empreenderam uma forte ofensiva contra o *PKK* e seu braço armado, o *HRK*. Muitos militantes curdos, acusados de terrorismo, como o próprio Kemal Pri, foram mortos, mais de 1.700, segundo Vàsquez (2015), foram mandados para prisão, torturados e submetidos à pena de morte. Acuados e enfraquecidos, Öcalan e outros membros do *PKK* fugiram para a Síria e, posteriormente, estabeleceram o Comitê Central do *PKK* em um campo de treinamento de guerrilheiros no Vale Beca no Líbano (MARCUS, 2007).

A ida de seus principais líderes para outras nações fez com que o *PKK* ampliasse sua atuação e influência com os curdos de outras regiões. Em 1985, Öcalan e demais líderes fundaram a *Eniya Rizgariya Netewa Kurdistan (ERNK)* (Frente de Libertação Nacional do Curdistão) que tinha a intenção de organizar politicamente os curdos espalhados em diferentes regiões e países, construindo, assim, uma grande rede política e de resistência transnacional. A intenção era a construção do Estado Nacional Curdo de viés socialista-marxista. Em 1986, em razão da incapacidade de se obter seus objetivos pela via institucional política, o *PKK* estruturou o *Artêsa Rizgariya Gelê Kurdistan (ARGK)* (Exército Popular de Libertação do Curdistão). O exército era composto de curdos e de simpatizantes de várias regiões diferentes e adotou táticas de guerra móvel e de guerrilha urbana (MARCUS, 2007; VÁSQUEZ, 2015).

As principais ações do *ARGK* concentram-se na Turquia. Para combater o *ARGK*, o governo turco estabeleceu uma taxa de 70 dólares para a população curda como mecanismo de arcar com as despesas do conflito e, de certa forma, como um meio para punir os curdos. Tal medida só fez com que o *PKK* se fortalecesse ainda mais entre os clãs curdos. Em 1987, o governo da Turquia teve

de declarar estado de emergência nas províncias curdas, pois o *ARGK* estava conseguindo dominar cada vez mais espaços (VÁSQUEZ, 2015).

Durante o governo de Turgut Özal (1989 – 1993), o *PKK* conseguiu agir pela via negociada, elaborando um cessar-fogo e criando sua própria administração local em algumas áreas rurais. Özal, no entanto, morreu em 1993 e Süleyman Demirel (1993 – 2000) retomou a guerra contra o *PKK*, mas, por outro lado, permitiu que o idioma curdo voltasse a ser falado na Turquia. Nesse período, o regime turco empregou toda sua determinação em exterminar o *ARGK*, o *ERNK* e o *PKK*, lançando uma ofensiva não somente dentro do próprio território, mas extrafronteiras também. As mortes e as perseguições chegaram a milhares (ÖCALAN, 2008; VÁSQUEZ, 2015).

Alguns membros mais radicais do *PKK*, sofrendo as pressões, optaram por ampliar seus alvos – que antes ficavam restritos a militares, a políticos, a policiais, a representações diplomáticas e comerciais turcas – para atentados e para sequestros nas zonas de turismo estrangeiro na Turquia. Essas ações fizeram com que os EUA e a União Europeia (UE) incluíssem o *PKK* em suas listas de organizações terroristas. Outros militantes do *PKK* preferiram seguir lutando pela via institucional, estabelecendo aliança com *Sosyaldemokrat Halkçı Parti (SHP)* (Partido Social Democrata Populista) ou criando seus próprios partidos como: *Halkın Emek Partisi (HEP)* (Partido Popular do Trabalho); *Demokrasi Partisi (DEP)* (Partido da Democracia); *Halkın Demokrasi Partisi (HADEP)* (Partido da Democracia do Povo); entre outros (BALCI, 2008).

No começo de 1999, o aumento da pressão turca sobre a Síria levou à expulsão de Öcalan do país. Em 15 de fevereiro de 1999, em uma ação conjunta entre o *Millî İstihbarat Teşkilatı (MIT)*, serviço secreto turco e a *Central Intelligence Agency (CIA)* dos EUA, Abdullah Öcalan foi capturado no Quênia. Em 28 de junho de 1999, Öcalan foi condenado a pena de morte. Em 2002, por pressão de

partidos políticos e movimentos sociais de esquerda, a pena foi convertida em prisão perpétua (ÖCALAN, 2008; VÁSQUEZ, 2015).

Evidencia-se que o pensamento de Öcalan e do *PKK* foi originalmente uma fusão do nacionalismo curdo com o socialismo marxista revolucionário. Na prisão, contudo, Öcalan realizou uma autocrítica e publicou diversos textos com seu novo modo de pensar, que rejeita o marxismo ortodoxo e a própria noção do Estado-nação. Segundo Öcalan:

It has become clear that our theory, programme and praxis of the 1970s produced nothing but futile separatism and violence and, even worse, that the nationalism we should have opposed infested all of us. Even though we opposed it in principle and rhetoric, we nonetheless accepted it as inevitable. [...] dogmatism is nurtured by abstract truths which become habitual ways of thinking. As soon as you put such general truths into words you feel like a high priest in the service of his god. That was the mistake I made (ÖCALAN apud TAYLOR, 2014 p. s/n).

De acordo com Öcalan (2001), após o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, e com a abertura econômica da República Popular da China (RPC), os líderes e vários militantes de bases do *PKK* procuraram um novo rumo para seu socialismo. Tanto a URSS quanto a China eram os modelos adotados pelo *PKK*, no entanto, o realismo pragmático marxista acompanhado pelo culto à personalidade havia fracassado nesses países. Durante o exílio, eles tiveram contato, segundo o combatente curdo Ercan Ayboğa (2011), a escritos de filósofos, de feministas, de (neo) anarquistas, de comunistas libertários, de comunalistas e de ecologistas sociais.

Öcalan se aproximou de pensadores socialistas libertários, particularmente, os trabalhos de Municipalismo Libertário do estadunidense Murray Bookchin. Desde então, Öcalan vem modificando e contribuindo para essa visão, estabelecendo algo que ele intitulou de Confederalismo Democrático.

O líder do *PKK*, atualmente, em entrevistas, artigos e livros não defende mais a criação de um Estado Nacional Curdo baseado no socialismo marxista, mas uma *Koma Civakên Kurdistan (KCK)* (União de Comunidades do Curdistão). Uma experiência socialista libertária, horizontalizada com democracia direta. Öcalan, apesar de se encontrar em confinamento na ilha-prisão de Imrali no mar de Marmara, é um líder carismático, que possui determinante influência no movimento curdo mundial e entre intelectuais de esquerda.

Em 2005, *KCK* foi fundado e Abdullah Öcalan foi eleito presidente honorário. O *KCK* é uma organização política transnacional responsável por agregar partidos e movimentos curdos de diferentes regiões sob os preceitos do Confederalismo Democrático. Atualmente, o *KCK* é composto por: *PKK*, *PYD*, *Partiya Jiyana Azad a Kurdistanê (PJAK)* (Partido da Liberdade do Curdistão - Irã), *Partî Çareserî Dîmokratî Kurdistan (PÇDK)* (Partido da Solução Democrática do Curdistão – Iraque). No seu 5º Congresso em 2007, o *KCK* contou com 213 representantes curdos de diversos países. Na ocasião, reafirmaram Öcalan como presidente honorário e o Confederalismo Democrático, alicerçado no Municipalismo Libertário, como princípio ideológico do movimento (ÇANDAR, 2012).

O Municipalismo Libertário

O Municipalismo Libertário foi desenvolvido por Murray Bookchin. Filho de operários imigrantes russos, nascido em 1921 em Nova Iorque, ele teve contato com os escritos e a militância política desde muito novo em virtude de sua avó que frequentava grupos de orientação marxistas e defensores da URSS. Na adolescência, Bookchin frequentou a escola para trabalhadores da região e, após um período trabalhando como jornalista, empregou-se em uma fundição

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

de Nova Jersey. Nessa época, militou ativamente no movimento sindical, por meio da *United Electrical Workers*, recrutando membros para o *Socialist Workers Party (SWP)*, que seguia a diretriz marxista-leninista (BIEHL, 2014).

Bookchin frequentou o *City College* em Nova Iorque onde se envolveu com trotskistas. Em 1947, organizou, com um grupo de socialistas, a revista *Contemporary Issues – A Magazine for a Democracy of Content*. No periódico, Bookchin publicou seus primeiros estudos. Em 1950, o *Manufacturing Belt* (Cinturão da indústria) nos EUA – estava enfrentando greves por melhores condições de trabalho, Bookchin participou ativamente das manifestações que obtiveram sucesso em conquistar aumento salarial, mas, para o autor, isso representou a cooptação do proletariado pela burguesia. Conforme relata:

Quando saímos vitoriosos da greve, e retornamos ao trabalho, eu me dei conta de uma mudança total, tanto na organização quanto entre os trabalhadores. Estava claro que o sindicalismo era agora aceito pela burguesia, e que os trabalhadores haviam abandonado seu espírito revolucionário, e estavam apenas interessados pelas vantagens materiais; em suma, reinava uma atmosfera de desmobilização da classe (BOOKCHIN, 1999, p.10).

Em 1956, houve a Revolução Húngara contra o autoritarismo da URSS. A repressão soviética foi dura, fazendo com que muitos militantes e intelectuais de esquerda rompessem com Moscou, Bookchin foi um desses. Bookchin, impactado pelos resultados limitados das greves que participara e decepcionado pelo socialismo real implementado pela URSS, voltou-se para os estudos dos socialistas libertários e de outras correntes anarquistas. Para o autor, o movimento sindicalista e a classe trabalhadora estavam enfraquecidos como espaço de luta e de atores revolucionários, pois havia limites políticos, sociais e econômicos impostos pela estrutura capitalista. Bookchin procurou estabelecer novas formas de organização e de luta (BOOKCHIN, 1999).

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

De 1960 a 1985, Bookchin ocupou-se em pesquisar sobre ecologia, meio ambiente, sociedade e anarquismo. Lecionou na *Alternate U*, uma escola de pensamento radical contracultural de Nova Iorque, no *Goddard College* e na *Ramapo College* em Nova Jersey. Em 1987, Bookchin publicou o livro intitulado *Urbanization Without Cities: the Rise of Urbanization and the Decline of Citizenship*. Na obra, ele apresenta as principais teorias políticas que o influenciaram e desenvolve o conceito de Municipalismo Libertário. Em suma, o conceito operacionaliza um sistema no qual instituições libertárias de assembleias diretamente democráticas opor-se-iam e substituiriam o Estado-nacional por uma confederação de municípios livres. É uma tentativa de proposta revolucionária transclassista, de incentivo comunitarista que visa conjugar interesses comuns de diferentes setores sociais. Segundo Bookchin:

Libertarian or confederal municipalism seeks to expand the democratic institutions that still linger on in any modern republican system by opening them to the widest public participation possible at any given time. [...]It is not that state power is to be "seized" - and then never relinquished-but that popular power is to be expanded until all power belongs to the institutions of a participatory democracy (BOOKCHIN, p. xxiii, 1992a).

Para Bookchin (2015), o município, o bairro, a tribo, a aldeia é onde se faz a verdadeira e real política. É onde ocorrem as mais densas relações humanas, pois é o local de trabalho, de moradia, de divertimento, de negócios, etc. Segundo o autor: “A comuna é a célula viva que forma a unidade de base da vida política e da qual tudo provém: a cidadania, a interdependência, a confederação e a liberdade” (BOOKCHIN; BOINA & ENCKELL, 2003, p.20). Contudo, com a construção do Estado-nação, no final do século XVIII e início do século XIX, com a Revolução Industrial, século XIX, e o fortalecimento do sistema capitalista, a ética social perdeu espaço para uma ética econômica utilitarista e mecanicista. Essa penetrou em vários meios sociais,

como o próprio movimento sindicalista, que se estruturou não em um viés comunitarista, mas em uma organização aos moldes da sociedade industrial.

O sistema capitalista fez com que a cidade, a comuna e o bairro, na era moderna, tornam-se fragmentados, divididos, conflitivos. O mercado organizado pela ética capitalista neoliberal enalteceu a apropriação desigual de espaços via especulação imobiliária, reforçando o papel dos locais de vivência puramente de reprodução da força de trabalho, menosprezando, assim, sua construção histórica-social-política. Bookchin (1999) afirma que na modernidade a urbanização, via capitalismo, degradou o conceito de *cite* ou *polis* – corpo político de cidadão livres, para o de *urbe* – conjunto de edifícios, praças; ou seja, enalteceu o lado físico da cidade e não o comunal. De acordo com o autor:

[...] o município é espaço econômico e espaço humano, de transformação do grupo quase tribal em corpo político de cidadãos. A política — gestão da cidade (polis) — tem sido desvirtuada em governo do Estado, tal como a palavra polis tem sido impropriamente traduzida por Estado. Esta degradação da cidade em Estado repugna aos antiautoritários, dado que o Estado é instrumento das classes dominantes, monopólio institucionalizado da violência necessária para assegurar o domínio e a exploração do homem pelo homem (BOOKCHIN, 1999, p.13).

Para Bookchin (1992, 1999, 2015), inspirado nos estudos de Piotr Kropotkin e Liev Tolstói, cabeira aos movimentos de bairros, as organizações tribais, os movimentos feministas, diversos comitês e coletivos, os ecologistas, as associações de moradores e de bairros serem os novos atores transformadores da sociedade por meio da construção de um tipo de cidade qualitativamente diferente, mais libertária. Esses, apesar de terem interesses específicos, possuem interesses comunais gerais, como o de estabelecer uma sociedade mais justa. A liberdade do município é, portanto, muito mais que meramente um acesso aos

espaços físicos ou naturais presentes, mas é o direito de organizar as próprias relações sociais, econômicas e políticas.

Segundo Bookchin, é necessário lutar por uma descentralização institucional, mas que não resultaria necessariamente em uma descentralização territorial. Seria, portanto, o repasse do poder administrativo para conselhos locais, resgatando o protagonismo político dos cidadãos. A política partidária, para Bookchin, Boina e Enckell, (2003), criou um sistema de relação de poder gerido de forma profissional, estabelecendo estruturas hierarquizadas e burocráticas que acabou rotulando os cidadãos como simples eleitores e pagadores de impostos. É preciso resgatar, portanto, a noção do conceito de política como: gestão dos negócios públicos pela população em nível comunitário, isto é, a política como algo participativo e cotidiano das pessoas.

O espaço para isso, assim como era na Grécia Antiga ou nas guildas e nas hansas mediáveis, é, para Bookchin (1992, 1999, 2015): as praças, as associações, o local de trabalho e de lazer, a escola, entre outros, distribuídos espacialmente pela cidade, pela comuna e pelo bairro. Dessa forma, os indivíduos organizados em conselhos, coletivos, comitês e associações buscariam a autogestão, a democracia direta e participativa e a vida comunitária como mecanismo de transformação social, porém sem perder suas singularidades e particularidades. Bookchin, intenta realizar o resgate da tradição de autonomia da cultura helênica e sua preocupação com a educação política do cidadão. Em suas palavras: “a autonomia helênica estava intimamente relacionada com a ideia de governo social, e com a capacidade que o indivíduo tinha em participar diretamente no governo da sociedade em que vivia, antes mesmo de se ocupar de suas atividades econômicas” (BOOKCHIN, 1998, p. 82).

Não somente politicamente o município ganha força na teoria desenvolvida por Bookchin, também, economicamente. Para contrapor a

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

crescente privatização dos bens públicos e o fortalecimento das grandes corporações, que visam cada vez mais à maximização dos lucros, o autor propõe uma economia municipal. Nessa, a propriedade não é nacionalizada nem privatizada, mas é municipalizada para que seja utilizada em benefício da sociedade local em uma economia coletiva. Por meio das assembleias e de conselhos de cidadãos, as entidades econômicas tenderiam a seguir preceitos éticos de cooperação e de intercâmbio justo. Nas palavras de Bookchin: “a terra e as empresas sejam postas de modo crescente à disposição da comunidade, ou mais precisamente, à disposição dos cidadãos em suas livres assembleias e de seus deputados nos conselhos confederais” (BOOKCHIN, 2003, p.35).

Observa-se que a organização da economia municipal deve ser alicerçada em valores éticos, coletivos e morais em vez de puramente utilitarista e economicista. Defensor da autogestão e da ação direta, Bookchin argumenta que a produção não seja assentada totalmente na produtividade e no lucro, mas em uma responsabilidade cívica, em um comprometimento moral do indivíduo com a comunidade e com a sustentabilidade ambiental (AUGUSTO, 2011-2012).

Conforme Bookchin:

[...] a criação de uma economia inteiramente nova, baseada não só na “democracia no local de trabalho”, mas na estetização das capacidades produtivas humanas; a abolição da hierarquia e dominação em todas as esferas da vida pessoal e social; a reintegração de todas as comunidades sociais e naturais em um ecossistema comum. Este projeto implica um corte total com a sociedade de mercado, as tecnologias dominantes, o estatismo, as sensibilidades patricêntricas e prometéicas para com os humanos e a natureza, que foram absorvidas e realçadas pela sociedade burguesa. (BOOKCHIN, 2010, p. 32)

Em suma, a estratégia de ação do Municipalismo Libertário pode ser categorizada nas seguintes etapas. 1. Dar autonomia as municipalidades de forma legal e com poder de decisões. 2. Democratizar os municípios por meio de

assembleias de base e de instituições libertária. 3. Unir as municipalidades em redes regionais e nas confederações mais amplas, trabalhando paulatinamente para substituir os Estados-nações por confederações municipais. 4. Unir os movimentos sociais, os coletivos, as associações progressistas, fortalecendo a sociedade civil e estabelecendo um ponto focal mútuo e de interesses gerais. 5. Assembleias comunais devem se reunir para debates, conflitos e deliberações, tornando uma arena de luta de classes e mantendo sempre seu caráter laico (BOOKCHIN, 1992a, 1992b, 1999, 2015; BOOKCHIN; BOINA & ENCKELL, 2003).

A Revolução Socialista Libertária de Rojava

Foi em contato com os estudos de Murray Bookchin que os militantes do *PKK* começaram a repensar sua ideologia, organização e movimento. Além disso, os membros do *PKK* estavam acompanhando o sucesso da mobilização Zapatista na México (1994) que conseguiram se organizarem. Segundo Biehl (2012), no início dos anos 2000, Öcalan começou a indicar para os militantes do *PKK* os livros de Bookchin: *Urbanization Without Cities: the Rise of Urbanization and the Decline of Citizenship* e *The Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchy*. Em 2004, os advogados de Öcalan entraram em contato com Bookchin, tentando persuadir o autor a visitar Öcalan na prisão, porém Bookchin já estava com 83 anos e com a saúde debilitada. Ambos começaram a trocar correspondências.

Confinado à solidão em sua prisão na ilha, Öcalan dedicou-se a escrever sua principal obra, *Prison Writings: The Roots of Civilisation*. Ele descreve um processo de evolução social, os macro-processos históricos da civilização cujas raízes estavam na Mesopotâmia, na Suméria, demonstrando como que o

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

Estado-nação eclipsou a democracia, a cidade, a comuna e os bairros como espaços de autogestão (ÖCALAN, 2001). Em 2005, reunindo preceitos do Municipalismo Libertário e de estudos de Economia Política Sistema-Mundo, sobretudo os escritos de Immanuel Wallerstein, Öcalan apresenta as novas diretrizes ideológicas do *PKK*, o Confederalismo Democrático.

Com vários textos sobre o tema já publicado, Öcalan (2012) afirma que o Confederalismo Democrático não está estruturado no centralismo burocrático, administrativo e coercitivo do Estado, mas na autoadministração e na descentralização do poder. Os grupos da sociedade, com todas suas particularidades identitárias, devem se expressar em reuniões locais, convenções e conselhos gerais. A política tem de ser parte cotidiana da vida do ser humano. De acordo com Öcalan:

El Confederalismo Democrático em Kurdistán están bien un movimiento antinacionalista. Apunta a la realización del derecho a la autodefensa de la gente a través del avance de la democracia en todo Kurdistán incuestionar las fronteras políticas existentes. Su meta no es la fundación de un Estado Nación kurdo. El movimiento tiene como intención establecer estructuras federales en Irán, Turquía, Siria e Irak que estén abiertas a todos los kurdos y al mismo tiempo formen una confederación paraguas para las cuatro partes de Kurdistán (ÖCALAN, 2012, p.34).

Para Öcalan (2005, 2012), o Confederalismo Democrático é uma organização social-política-econômica mais condicente com a realidade e costumes dos povos do Oriente Médio do que o modelo de Estado-nação apregoado pelo Nasserismo ou a matriz do Islã político empregado pelo Irã e pela Arábia Saudita. O Confederalismo Democrático defende, em sua essência, a superação do capitalismo como sistema econômico, a emancipação dos trabalhadores, a liberdade das mulheres diante da opressão do patriarcado e uma relação biocêntrica com a natureza.

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

Una economía próxima a la población debería basarse en el principio de redistribución; debería estar orientada a la obtención de beneficios sociales en lugar de basarse exclusivamente en la acumulación de riquezas y la sobreproducción. Las estructuras económicas actuales no solo deterioran la sociedad, sino también el medio ambiente. Una de las principales razones del deterioro de la sociedad se encuentra en los efectos nocivos de los mercados financieros. La producción de necesidades artificiales, la búsqueda interminable de nuevos mercados de consumo y la codicia sin límites de beneficios cada vez mayores son los responsables de la diferencia cada vez más abismal entre pobres y ricos, hinchando a diario el batallón de los que viven bajo el umbral de la pobreza o incluso de los que pasan hambre. Una política económica de este tipo no se puede tolerar ya más. Este es entonces el mayor desafío del proyecto socialista: implementar una política económica alternativa que no aspire únicamente al beneficio por el beneficio, sino a una distribución justa de los recursos y a la plena satisfacción de las necesidades básicas del conjunto de la sociedad (ÖCALAN, 2008, p. 36)

Observa-se que o líder do *PKK* foi influenciado diretamente pelos conceitos do Municipalismo Libertário, reconhecendo-os em suas cartas e mensagens. Öcalan afirmou que a sua procura por uma alternativa ao capitalismo tinha encerrado quando teve contato com as obras de Murray Bookchin. Em 2006, quando Bookchin morreu, o *PKK* emitiu uma nota oficial intitulado-o como:

[...] one of the greatest social scientists of the 20th century. [...] introduced us to the thought of social ecology and helped to develop socialist theory in order for it to advance on a firmer basis. [...] He showed how to make a new democratic system into a reality. [...] He has proposed the concept of confederalism, a model which we believe is creative and realizable (BIEHL, 2012, p.176).

Com a eclosão da Guerra da Síria em 2011, os curdos residentes no país ganharam potencialidade de organização, realizando uma Revolução Socialista

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

Libertária. Esses estão presentes na região de Rojava, fronteira com a Turquia. Rojava fica no norte da Síria e na parte ocidental do chamado Curdistão. A área estende-se por mais de 2.000 quilômetros quadrados e é composta por três cantões Afrîn, Kobanê e Cizire. Os cantões estão entre o rio Eufrates e o Tigres, um dos centros agrícolas mais antigos do mundo. As maiores cidades são: Kobanê, Amuda, Afrîn, e Qamişlo. A região conta com aproximadamente 17% da população da Síria (DIRIK et al, 2018).

Antes da Guerra, Rojava era responsável por 40% da produção de petróleo e de gás e 70% das exportações sírias. A pauta de exportação constava com petróleo, grãos, algodão e carne. A região contava com um parque industrial pouco desenvolvido, mas significativo para região, tendo, por exemplo, fábricas de cimento e fundições. O *PKK*, desde a década de 1980, tinha militantes e redes muito bem estabelecidas na região, havendo uma ampla cooperação dos curdos estabelecidos na Síria com os que se encontravam na Turquia (DIRIK et al, 2018).

Com a prisão de Öcalan, com a dissidência de alguns membros do *PKK* e com a necessidade de melhor se organizarem, os curdos da região de Rojava estruturaram o *PYD* (Partido de União Democrática) associado ao *PKK* em 2003. O *PYD* tem dois co-presidentes, atualmente, são: Salih Muslim Muhammad e a co-presidenta Asya Abdullah. Em 2004, o *PYD* fundou *Yekîneyên Parastina Gel* (*YPG*) (Unidades de Proteção Popular) responsável por autodefesa da população local. Em 2011, quando a Primavera Árabe chegou à Síria, fazendo com que eclodisse a guerra civil, o *PYD*, contando com apoio de vários combatentes do *PKK*, estava pronto para defender suas posições (*PYD*, 2017; DIRIK et al, 2018).

O ano de 2012 é a data que a Revolução Socialista Libertária Curda emerge. Nesse ano, aproveitando que as forças do governo sírio estavam se

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

deslocando para outras regiões com o intuito de enfrentar grupos insurgentes sunitas, deixando a segurança da região na mão de milícias pró-Assad, o YPG avançou sobre as principais cidades de Rojava. Eles conquistaram em pouco tempo Kobanê, Amuda e Afrîn, estabelecendo, primeiramente, o Comitê Supremo Curdo em conjunto com o partido *Encûmena Nîştimanîya Kurdî li Sûriyê* (ENKS) (Conselho Nacional Curdo). É nesse período, que o PYD criou a *Yekîneyên Parastina Jin* (YPJ) (Unidades de Proteção Feminina) uma brigada somente de mulheres dentro do YPG. Além de ter avançado para demais cidades de Al-Malikiyah, Rasal-Ayn, al-Darbasiyah e al-Muabbada (KNAPP, FLACH & AYBOĞA, 2016; DIRIK et al, 2018).

Ao ter o controle relativo de Rojava, o PYD e o PKK, não optaram em instalar um poder centralizado e nem de criar um Estado-nação, eles almejavam realizar uma Revolução Socialista Libertária na região. Isso os levou a desentendimentos com o ENKS, que defende uma inserção nos molde da democracia liberal capitalista, modelo adota por alguns curdos no Iraque e seu *Partiya Demokrat a Kurdistanê* (PDK) (Partido Democrático do Curdistão). Apesar dos atritos internos no movimento curdo, o PYD conseguiu se consolidar como o principal ator político e militar da região (KNAPP, FLACH & AYBOĞA, 2016; DIRIK et al, 2018). Em entrevista a pesquisadora do *Institute for Social Ecology*, Janet Biehl, dois representantes do PYD, Abdul kerim Omar and Çınar Salih, relatam:

Instead of an independent state, we prefer autonomy. The solution has to be at the grassroots level. The nation-state system has created many prejudices, so people think Arabs and Kurds and Turks can't get along. That idea has been reinforced by nation-state system. It's been wired into people's brains, with bad outcomes. It excluded conditions of coexistence and cooperation between people. We are struggling to get rid of these prejudices and create conditions for common life (BIEHL, 2015a, p.s/n).

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

O *PYD* e o *PKK*, aproveitando a organização em clãs dos curdos, estabeleceram comunas nos distritos e uma política de co-governança preocupada com igualdade de gênero – toda função em cada nível administrativo em Rojava inclui uma mulher e um homem – e com liberdade religiosa. Cada comuna é composta por até 400 famílias que elegem dois co-presidentes, sendo, obrigatoriamente, um homem e uma mulher. A maioria das comunas é composta por 50 a 100 famílias e se reúne em conselhos abertos à participação de todos para debater questões relevantes para aquela comunidade (SIMONS, 2015; ENZINNA, 2015; DIRIK et al, 2018).

As comunas têm liberdade para decidir a criação de comitês, com aproximadamente cinco a oito membros, que são responsáveis por resolver pequenas questões administrativas e sociais locais. Os conselhos comunais elegem dois co-presidentes da comuna. Os co-presidentes das comunas de cada bairro se reúnem estabelecendo, assim, o Conselho Popular Municipal. Esse agrupa de 7 a 30 participantes e é responsável por questões mais amplas e complexas, como diretrizes econômicas. A partir desse são escolhidos mais dois co-presidentes para compor o Conselho Popular da Província. Esse, por sua vez, é composto por 200 pessoas, co-presidentes eleitos por Conselhos Populares, movimentos sociais e pessoas eleitas pelo voto direto. A última instância é a Assembleia Legislativa dos três cantões, com representantes eleitos pelo voto direto e secreto com duração de quatro anos. O número de membros da Assembleia Legislativa é de um para cada quinze mil eleitores registrados em cada cantão, em proporção não inferior a 40% para ambos os sexos. Há cotas para jovens e preocupação com ações afirmativas para as minorias étnicas (KNAPP, FLACH & AYBOĞA, 2016; TAX, 2016; DIRIK et al, 2018; CARTA DEL CONTRATTO SOCIALE DEL ROJAVA, 2014)

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

Para a construção dessa complexa cadeia de participação democrática, o PYD estabeleceu o *Tevgera Civaka Demokratîk (TEV-DEM)* (Movimento da Sociedade Democrática) em 2013. Esse substituiu o Comitê Supremo Curdo e é composto por diversos grupos como partidos políticos, organizações sociais, entidades religiosas e outros coletivos político-sociais. O *TEV-DEM* é responsável, entre outras coisas, de coordenar e de mobilizar as pessoas por meio de palestras, de organização de eleições e de treinamentos, além de fazer os contatos diplomáticos dos curdos. O programa do *TEV-DEM* é profundamente influenciado e liderado pelo PYD, tendo três principais eixos: municipalismo libertário, pluralismo radical e a ecologia social. Se os conselhos comunais buscam ser ferramenta de autogestão, o *TEV-DEM* é responsável por conectar, por dialogar e por propagar as diretrizes ideológicas do Confederalismo Democrático com os mais variados grupos sociais e às comunas (GRAEBER, 2014; DIRIK et al, 2018).

Verifica-se que o processo criado faz com que os laços entre comunas e os conselhos não sejam cortados, assim como apregoa o Municipalismo Libertário de Bookchin. Importante destacar, ademais, que dentro das comunas, dos Conselhos Populares, Municipais e Provinciais há forte participação de mulheres, havendo, inclusive, a obrigatoriedade de representantes femininas. Essas se organizam em assembleias exclusivas, quando necessário, com poder de veto para decisões que as afetam diretamente. Os Conselhos das Mulheres existem em todos os níveis, comuna, cidade, província e cantão. As minorias religiosas, como os cristãos e os *yazidis* também possuem representatividades e têm seus direitos respeitados. Isso faz da região um refúgio das minorias religiosas e de mulheres perseguidos pelo EI (KNAPP, FLACH& AYBOĞA, 2016; TAX, 2016; GATAMAULA, 2015; DIRIK et al, 2018).

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

Esse viés socialista, democrático e com máximo de horizontalidade foi transportado até mesmo para o *YPG* que conta com aproximadamente 40 mil combatentes. Seus comandantes são eleitos diretamente e sempre em dupla, respeitando a igualdade de gênero. No momento, os co-presidentes do *YPG* são Mayssa Abdo e Mahmud Barjodan. De acordo com Graeber (2014), as unidades do *YPG* organizam-se em brigadas que se reúnem em companhias, sendo que os comandantes são eleitos por cada operação e de maneira transitória. O *YPG*, assim como aconteceu com as Brigadas Internacionais da Guerra Civil Espanhola, está recebendo apoio de militantes de diversos países, afirmando que estão com soldados de mais de 50 nacionalidades diferentes (*YPG*, 2017; PAVIČIĆ-IVELJA, 2016; DÜZGÜN, 2016).

O *YPG*, principalmente com suas Unidades de Proteção Feminina, vem ganhando a mídia internacional. Esse destaque ocorreu muito em virtude da batalha por Kobanê quando o *YPG* enfrentou o EI de setembro de 2014 a março de 2015. Kobanê, que contava com quase 400 mil habitantes, sofreu uma forte investida pelos fundamentalistas radicais do EI. O grupo radical chegou a dominar 80% da cidade, no entanto, a resistência do *YPG* conseguiu reverter essa situação. Após 6 meses de resistência, os guerrilheiros e as guerrilheiras curdos, comandados por Mayssa Abdo, chamaram a atenção dos meios de comunicação internacionais ao expulsarem o EI da cidade e ocuparem a região (PAVIČIĆ-IVELJA, 2016; DÜZGÜN, 2016).

O *TEV-DEM* está ministrando cursos de feminismo, de liberdade religiosa e de resolução pacífica de conflitos para os combatentes e para a *asayish*, o policiamento local armado. Em um primeiro momento, todo policial e militar deve passar por esse treinamento, e, posteriormente, toda a população para, assim, extinguir a polícia institucionalizada. Em nível municipal, a polícia recebe apoio das *Hêza Parastina Cewberî* (HPC) (Forças de Defesa Civil) (KNAPP,

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

FLACH& AYBOĞA, 2016). Segundo Perry e Malla (2015), os membros da YPG e a *asayish* estão recebendo, ainda, treinamentos de direitos humanos por parte da ONG *Geneva Call* desde 2015.

Desde o início da guerra civil na Síria, a população de Rojava dobrou, chegando a 4,5 milhões de habitantes. Diversos deslocados sírios que não conseguiram seguir pelas rotas de migração pelos países vizinhos encontraram proteção da tirania de Assad e do terror do EI em Rojava. Em janeiro de 2014, os três cantões de Rojava declaram-se autônomos e aprovaram a Carta do Contrato Social de Rojava (Constituição de Rojava). O documento incorporou em suas diretrizes a Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas de 1948. A Carta busca estabelecer um Confederalismo Democrático baseado no autogoverno local, no ambientalismo, na igualdade de gênero, no pluralismo étnico, cultural e religioso, na liberdade de expressão e de imprensa. A Carta concebeu a seguinte estrutura administrativa: Assembleia Legislativa, Conselhos Executivos, Alta Comissariado para as eleições, Corte de Coalização (equivalente ao Supremo Tribunal Federal) e os Conselhos municipais e provinciais. Segundo a Carta:

Noi popoli che viviamo nelle Regioni Autonome Democratiche di Afrîn, Cizire e Kobane , una confederazione di Curdi, Arabi, Assiri, Caldei, Turcomanni, Armeni e Ceceni, liberamente e solennemente proclamiamo e adottiamo questa Carta. Con l'intento di perseguire libertà, giustizia, dignità e democrazia, nel rispetto del principio di uguaglianza e nella ricerca di un equilibrio ecologico, la Carta proclama un nuovo contratto sociale, basato sulla reciproca comprensione e la pacifica convivenza fra tutti gli strati della società, nel rispetto dei diritti umani e delle libertà fondamentali, riaffermando il principio di autodeterminazione dei popoli (CARTA DEL CONTRATTO SOCIALE DEL ROJAVA, 2014, p.03).

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

Após a interligação dos cantões de Kobanê e de Cizire, a Região de Shahba foi fundada em janeiro de 2016, surgindo um quarto cantão e estabelecidas novas instituições administrativas. Em dezembro de 2016, os cantões proclamaram a fundação da *Federaliya Demokratîk a Bakûrê Sûriyê (FDNS)* (Federação Democrática do Norte da Síria). Estabeleceram os seguintes departamentos (equivalente aos ministérios brasileiros): Defesa, Justiça, Finanças, Agricultura, Educação, Saúde, Energia, Assuntos Sociais, Comércio e Cooperação Econômica, Cultura, Transportes, Juventude e Esporte, Ambiente e Turismo, Assuntos Religiosos, Comunicação, Segurança Alimentar, Assuntos de Família e Igualdade, Estrangeiro, Famílias de Mártires e Veteranos, entre diversos outros comitês econômicos, políticos e sociais. Assim como as demais representações e escritórios governamentais, os departamentos são baseados em um sistema co-presidencial. Os co-ministros são indicados pelo *TEV-DEM* (CARTA DEL CONTRATTO SOCIALE DEL ROJAVA).

A região, embora ainda esteja em resistência, está conseguindo reestruturar-se aos poucos. Comitês comunais de médicos estão se organizando para formar um sistema universal de saúde. As administrações locais, cantonais e a federal estabeleceram, por exemplo, um novo sistema educacional para Rojava. Após 52 anos banido, o idioma curdo está sendo ministrado na educação primária junto com o árabe e o inglês como terceiro idioma. No Cantão de Cizire há a presença do idioma assírio na grade curricular. Foram criadas bibliotecas e centros educacionais para propagarem a cultura local e os preceitos do Confederalismo Democrático, destaque para: *Centro Nabawand para o Desenvolvimento de Talentos das Crianças* em Al Hasakah e *Biblioteca Rodî û Perwîn* fundada em Kobanê em 2016 (AL-WASL, 2016; RUDAW, 2015; YILMAZKAYA, 2016, 2017; BIEHL, 2015b).

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

A educação superior também está sendo arquitetada. O regime de Assad não construiu universidades na região, a mais próxima ficava em Alepo. As universidades e faculdades sírias concentram-se em Damasco e Daraa. O PYD, dessa forma, teve de iniciar seu ensino superior da estaca zero. Em 2014, a Faculdade Mesopotâmia de Ciências Sociais em Qamişlo foi inaugurada com o objetivo de propagar e de produzir material sobre o Municipalismo Libertário e o modelo de Confederalismo Democrático de Rojava. Em 2015, a primeira universidade da região começou a funcionar, a de Afrîn, oferecendo cursos de: engenharia eletromecânica, engenharia agrícola, literatura curda, música, artes cênicas, administração de empresas, economia, medicina e jornalismo (ARAFAT, 2016; EFRÎNÊ, 2016; ENZIMA, 2015; BIEHL, 2015b).

Em julho de 2016, foi estabelecida a Universidade de Rojava na cidade de Qamişlo, com faculdades de medicina, engenharia, ciências, artes e humanidades. A universidade possui, atualmente, 711 estudantes, os cursos são ministrados em inglês, curdo e árabe. Há programas de engenharia do petróleo, química, medicina, passando por artes, filosofia e uma disciplina nova intitulada *jineoloji* (jineologia). Esse conceito foi desenvolvido por Öcalan, ele expressa a ciência do saber feminino e a igualdade de gênero. A Universidade de Rojava, recentemente, assinou acordo de cooperação com a *Université Paris-VIII* (PAVIČIĆ-IVELJA, 2016; DÜZGÜN, 2016, ARAFAT, 2016).

Há diversos grupos de estudos fundados por mulheres membras do PYD e do *TEV-DEM* responsáveis de propagar a jineologia. Os grupos abrangem jovens, adultos e idosos de todos os gêneros, religiões e etnias e são organizados pela *Yekitiya Star* (União da Estrela das Mulheres) que existe desde 2012. A *Yekitiya Star* é encarregada de alfabetizar a população ao mesmo tempo em que demonstra a importância da igualdade de gênero e do saber feminino na sociedade. A pedagogia dos grupos de estudos comandados pela *Yekitiya Star* é

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

inspirada pela filosofia de ensino de John Dewey e de Paulo Freire. A organização ainda mantém a publicação da Revista *Asoya Jiné*, divulgando questões políticas, econômicas, artesanato, receitas, estratégias de combates e dicas para mães, sempre pela perspectiva da sabedoria feminina (BIEHL, 2015b; ÇETIN, 2014). Os governos autônomos de Rojava incentivaram periódicos, como a *Asoya Jiné* a circularem. Ademais, estimularam a criação de agências de notícias, sendo duas principais, a ARANews e a ANHA (*Havar News Agency*); e duas emissoras de televisão na região, Rojava TV e Ronahî TV (BADRAN, ANGELIS, 2016; SVIRSKY, 2016).

O sistema legal de Rojava ainda não está formalmente concebido. As leis civis sírias, desse modo, continuam valendo, desde que não entrem em contradição com a Carta de Contrato Social. As cortes de leis islâmicas que utilizavam da sharia foram extintas e substituídas por cortes seculares. A pena de morte foi abolida. As mulheres adquiriram direitos iguais, a poligamia e os casamentos forçados ou com menores de idade foram proibidos. O poder judiciário comunal é composto pelos Comitês de Paz e Consenso. Esses já existiam em algumas comunidades curdas há anos em virtude de seu sistema de clãs e são responsáveis por decidir sobre delitos leves na comuna. O *TEV-DEM* instrui os membros dos Comitês de Paz e Consenso para seguirem os preceitos do Municipalismo Libertário, assim, eles adotam uma estrutura dupla, comissões gerais e comissões específicas de mulheres. Essa está ligada a organização *Yekitiya Star* sendo responsável por atuarem em casos de violência patriarcal, casamento forçado e violência sexual contra mulheres (AYBOĞA, 2014).

Comitês de Paz e Consenso funcionam como conselhos apaziguadores de bairros. Casos mais graves, como assassinatos, são levados para uma corte municipal, a *Dadgeha Gel* (Corte do Povo). Ela é integrada por sete membros da população eleitos democraticamente, não tendo obrigatoriedade de serem

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

juristas. A próxima instância é a *Dadgeba istinaf* (Corte de Má Conduta) incumbida de apreciar casos mais complexos e as apelações. Ela é composta exclusivamente por juízes formados, há quatro na região (duas em Cizîre, uma em Kobanê e uma em Afrîn). Há, ainda, a *Dadgeba Neqit* (Corte Suplente) que serve como última instância dos cantões, até o momento há somente uma em funcionamento. Por fim, há a *Dadgeba Herpeyman* (Corte de Coalização), onde sete juízes prezam pela Carta do Contrato Social de Rojava (AYBOĞA, 2014).

Em relação à economia de Rojava, o *PYD* lançou o Plano de Economia Popular (PEP) em 2012. Inspirado nos modelos de Bookchin, de Öcalan e em experiências curdas no sul da Turquia, o PEP apresenta um projeto misto entre capitalismo e socialismo libertário. Segundo Yousef (2014, 2018), co-ministro de Economia da *FDNS* e reitor da Universidade de Afrîn, a propriedade privada e o empreendedorismo foram preservados, mas originalmente a propriedade e os negócios são do conselho da comuna, isto é, elas não são factíveis de negociação no mercado. O *PYD* desenvolveu o conceito de “propriedade por uso”, evitando, a especulação e a acumulação de capital. A produção tem de atender a vontade democrática dos conselhos locais e a propriedade tem de ter uma função social. Os bens pessoais como automóveis, máquinas, eletrônicos, móveis, etc continuam sendo totalmente privados. Os bens coletivos abrangem terras, infraestruturas e os edifícios que obedecem à lógica de propriedade pelo uso, tendo seus proprietários, portanto, que prestarem conta aos conselhos comunais. O meio-ambiente, com sua fauna, flora, nascentes, lagos, deserto, montanhas, etc são bens públicos e um direito natural dos homens. De acordo com Dara Kurdaxi, doutor em economia e membro do comitê do desenvolvimento econômico de Afrîn:

We need new models for organisations and institutions.
Those which are called collective, communal economic
models, sometimes referred to as social economies. This is

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

the method we are using as a foundation, so that the economy in Rojava can pick up and develop. The method in Rojava is not so much against private property, but rather has the goal of putting private property in the service of all the peoples who live in Rojava, for them to use. Naturally we're only at the beginning. But nonetheless, even if only in small ways, we're seeing some positive developments. We must be clear that we don't need an economic revival and development which has no clear goal for the community [...]. It shouldn't be a capitalist system, one without respect for the environment; nor should it be a system which continues class contradictions and in the end only serves capital. It should be a participatory model, based on natural resources and a strong infrastructure (KURDAXI apud LEBSKY, 2017, p. s/n).

Segundo Kurdaxi (2017), a produção fabril, inclusive os campos de petróleo, está sendo controlada pelos conselhos de trabalhadores. Um terço das empresas de Rojava está com seus conselhos formados. Os conselhos são coordenados pelos comitês econômicos municipais. A agricultura mantém um modelo dualista, há pequenas propriedades privadas individuais e há modelos cooperativistas. Segundo co-ministro Yousef (2014, 2018), os conselhos dos cantões administram os preços de bens básicos, como comida e medicamentos. Por enquanto, em virtude da guerra, não há cobrança de impostos, o *PYD* e as diversas esferas de organização política obtêm seus recursos de doações (internas e externas) e pela venda de recursos naturais para outros países, sobretudo do petróleo.

De acordo com economista Jamal Hamou (2017), também co-ministro de Rojava, a não cobrança por impostos é um mecanismo para atrair investimentos de comerciantes para a região, criando uma estrutura econômica mais dinâmica e incrementando as receitas futuramente. A estratégia vem funcionando, vários empresários sírios estão se deslocando para Rojava, pois, segundo Abdulrahim (2016) nas demais regiões do país há a prática de cobrança

de subornos. Hamou (2017) afirmou que a *FDNS* realizou investimentos na construção de laticínios, uma fábrica de óleo de milho, usinas de trigos e de farinhas. Yousef (2017) acredita que a produção econômica da região controlada pelo *FDNS* corresponde, atualmente, a 55% de todo Produto Interno Bruto (PIB) da Síria, sendo que 17% da agricultura do país estão concentradas em Cizire, considerado o celeiro sírio.

Evidencia-se que o PEP possui três conceitos-chave: bens comuns, propriedade baseada no uso e empresas administradas pelos trabalhadores. A economia, contudo, continua sofrendo por causa da guerra. A região de Rojava depende de produtos oriundos do Iraque e da Turquia, enfrentando, dessa maneira, períodos de escassez de bens. Afrîn estava conseguindo reestabelecer uma rota de comércio significativa, exportando sabão de louro e roupas, especialmente jeans, para cidades turcas, entretanto a Turquia realizou um ataque contra a região em março de 2018, destruindo infraestrutura e rotas de escoamento e fornecimento de mercadorias. O governo turco de Recep Tayyip Erdogan, além disso, estabeleceu um embargo econômico a toda Rojava, contando com apoio de grupos fundamentalistas islâmicos sírios, como *Fateh al-Sham* e o ELS, desejosos de dominarem os campos de petróleo da região (DILBAR, 2018).

Os EUA, França e Inglaterra, por sua vez, continuam apoiando Rojava, adquirindo petróleo, enviando ajuda financeira e militar, porém estão hesitantes em virtude do cenário. Eles incentivaram a formação da *Hêzên Sûriya Demokratîk (HSD)* (Forças Democráticas Sírias) em 2015. Essa é uma aliança de sírios, curdos, árabes, assírios, armênios, turcos e circassianos para enfrentar os grupos islâmicos fundamentalistas e para ampliar a experiência da *FDNS*. A *YPG* continua com suas bandeiras e organização e, segundo Rudaw (2016) representa 60% da *HSD*. Os EUA e seus aliados estão enfrentando conflitos diplomáticos

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

para uma atuação mais ativa em Rojava, pois a Turquia é membra da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e importante aliado estadunidense na região. A Turquia não vê com bons olhos um governo curdo em Rojava. 19% da população da Turquia são de curdos, seu território faz fronteira com Rojava e o *PKK* é considerado inimigo de Estado. A Arábia Saudita está financiando rebeldes fundamentalistas islâmicos sunitas, a Turquia também é acusada de ajudá-los. As relações dos EUA e da Turquia estão abaladas em virtude dessas questões. A OTAN, ainda, teme uma escalada do conflito, fazendo com suas tropas entrem em embate com tropas russas. O governo de Assad está recebendo apoio direto da Rússia, do Irã e do *Hezbollah* e indireto da China. Tanto a Turquia quanto o regime de Assad ameaçaram um ofensiva intensa em Rojava para 2018. O destino da região e da revolução socialista libertária, portanto, ainda está sendo traçado.

Considerações Finais

A finalidade desse artigo foi o de apresentar a teoria do Municipalismo Libertário de Murray Bookchin e a tentativa de viabilizar esse projeto na região de Rojava. O Municipalismo Libertário sofreu uma interpretação própria por parte de Öcalan, que contribui para o marco teórico ao desenvolver o Confederalismo Democrático. Pretendeu-se apresentar as principais características desse debate teórico, porém sabe-se que o tema ainda carece de estudos mais profundos, sobretudo o pensamento de Öcalan, que é recente e possui parca produção científica sobre suas proposições. O estudo tentou atender o rigor metodológico da pesquisa histórica-documental. Realizou-se, dessa maneira, um hercúleo trabalho de pesquisa de fontes primárias e secundárias produzidas em diferentes idiomas. A perspectiva história adotada na

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

primeira parte do artigo buscou suplementar para construir os fatos relevantes, os cenários e lugares de ocorrências de ações; o papel dos agentes, as forças envolvidas, as estratégias, as táticas e as articulações que propiciaram o despontamento da Revolução de Rojava.

A Revolução de Rojava seus principais atores e ações foram apresentados de forma exploratória e descritiva. Preocupou-se, portanto, de realizar uma pesquisa para familiarização dos pesquisadores com o objeto que está sendo investigado. Não se propões, assim, a responder perguntas, mas o de obter entendimento do fenômeno suas multidimensões e multidensidades. A Revolução que está acontecendo em Rojava, assim como a própria Guerra da Síria, ainda está em andamento, dessa maneira, o acesso a informações e a dados é árduo, tornando custoso e complexo categorizar precisamente a situação. Pode-se inferir, todavia, que a experiência de Rojava é a maior e a mais original experiência socialista do século XXI até o momento. Seu impacto e legado para a região de Rojava e para os movimentos de esquerda estão ainda começando a surgir efeito.

As ideias de descentralização, de organização comunal, de rejeição ao Estado-nação, de democracia direta, de biocentrismo, entre outras presentes no Municipalismo Libertário encontraram amplo respaldo nos curdos. Uma das hipóteses que pode explicar a razão disso é que o modelo desenvolvido por Bookchin não trabalha com estruturas rígidas, permitindo, desse modo, adaptações e formulações na diversidade e na complexidade dos seres humanos e dos ambientes onde se desenvolvem. Outro ponto está na própria história, estrutura social e política dos curdos. Eles organizam-se em clãs, possuem um sentimento comunal grande, não tendo apego ao nacionalismo estatal, por até não possuírem um Estado soberano, os laços familiares e comunais são mais

fortes que os demais, logo não estão tão presos ao modelo de Estado-nação apregoado pelo eurocentrismo.

Ainda é cedo para afirmar que a Revolução de Rojava com suas assembleias populares (de bairro, de cidade, de cantões) obterá sucesso. Há fatores endógenos e exógenos atuando contra o movimento. Internamente, apesar dos esforços do *TEV-DEM*, a região conta com a permanência de algumas estruturas tribais étnico-sectárias, patriarcais e, ainda, com espaço para avanços capitalistas. Não permitir que esses aspectos avancem, estabelecendo uma luta contra o patriarcado, o fascismo, o racismo e o extremismo religioso é um grande desafio para o *PKK* e o *PYD* que se apresentam como os condutores da Revolução até o momento. Aliás, a liderança desses partidos e a construção do *TEV-DEM* e do *YPG* são outros pontos que precisam ser mais bem examinados. Em um primeiro momento, a necessidade de certa centralidade organizacional é interessante para transportar os conceitos, os valores e para montar e estruturar o Confederalismo Democrático. Embora sejam preocupadas com a descentralização e com a horizontalidade da Revolução, essas instituições, todavia, não estão isentas de correrem o risco de caírem em um centralismo, partidarismo e autoritarismo que já acometeram tanto outros partidos e representações socialistas em diferentes revoluções no decorrer do processo.

Outro desafio para o *PYD* e seus braços de atuação é a forte presença religiosa entre os vários clãs curdos. Algumas comunas podem se sentirem atraídas por adotarem práticas e dogmas religiosos em sua organização política. Isso não é algo difícil de acontecer ainda mais em uma região que vem passando por forte avanço do fundamentalismo religioso, interferência de grupos externos, recebendo um expressivo número de deslocados e, recentemente, formou um exército multiétnico, o *HSD*. O processo de produção, divulgação e

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

assimilação dos preceitos bases do Municipalismo Libertário, fazendo com que a laicidade, defendida por Murray Boockhin e por Abdullah Öcalan, que se declara ateu, fique ameaçada.

As forças exógenas estão correlacionadas com a própria Guerra da Síria. O conflito sírio não pode ser caracterizado como uma guerra puramente civil, mas é um combate inter-nações e grupos. A Revolução de Rojava prosperou de guerrilha para exércitos organizados ao receber recursos, materiais e treinamentos dos EUA e seus aliados. A proclamação da *FDNS* e a criação do *HSD* foram amplamente incentivadas pelos estadunidenses e outros países europeus. Por outro lado, a Revolução está sofrendo ataques e pressões por parte dos turcos, dos *jihadistas* e do regime de Assad e seus aliados.

Diante desse cenário, o *PYD* tem de trabalhar em duas frentes uma política e outra militar para manter a sobrevivência de sua revolução. A política é via diplomacia, almejando o reconhecimento da *FDNS* perante outras nações como representante oficial de Rojava. Por mais que o Confederalismo Democrático rejeita o conceito de Estado-nação, o sistema internacional é baseado neste modelo, logo não tem como ser reconhecido se não for mediante essa personificação de organização social-política. Outro caminho para o *PYD*, seria negociar com o regime de Assad um arranjo diferenciado, conquistando maior autonomia, padrão que os Zapatistas buscaram com o governo mexicano, por exemplo.

Nas duas hipóteses, o viés anticapitalista e anti-imperialista da Revolução de Rojava provavelmente entrará em confronto com os interesses dos demais Estado-nação envolvidos. É concludente, porém, que esse modelo de democracia adotado por Rojava, baseado em comunas locais, poderes descentralizados e com forte solidariedade comunitarista tenha mais chances de sucesso na região em virtude da tradição organizacional em clãs presente em

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

vários países. Os EUA e seus aliados vêm tentando exportar o modelo da democracia representativa ocidental para o Oriente Médio e vêm obtendo fracassos, levando a desastres políticos, militares, sociais e econômicos. Os países centrais, portanto, podem encontrar nesse modelo de Rojava uma alternativa para mudanças dos regimes atuais e um forte aliado contra o fundamentalismo religioso e antiocidental que vem ocupando o vácuo de poder deixado por alguns ditadores. Resta saber, contudo, se as nações ocidentais e seus aliados da região estão dispostas a apoiar um modelo claramente anticapitalista e anti-estatal.

Inferese-se que a Revolução Socialista Libertária de Rojava, por estar ainda em andamento e em fase de experimentação, levanta, não raramente, mais questões do que respostas. Pode-se afirmar, no entanto, que, até o momento, o modelo vem sendo uma esperança para setores do povo do Oriente Médio que está demandando por transformações na ordem da região desde a Primavera Árabe. Além disso, é uma revitalização na esquerda mundial que estava, desde a queda da URSS, sem uma perspectiva de mudanças estruturais, uma vez que Rojava, embora esteja em uma região com um capitalismo de certo modo ainda incipiente, representa uma proposta inovadora, merecendo novos estudos.

Referências Bibliográficas

ACNUR. **Global Trends: Forced Displacement in 2016**. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5943e8a34/global-trends-forced-displacement-2016.html>> . Acesso em 20 de jan. 2017.

ABDULRAHIM, Raja. In Syria's Mangled Economy, Truckers Stitch Together Warring Regions. **The Wall Street Journal**. 24 de mai. 2016. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/in-syrias-mangled-economy-truckers-stitch-together-warring-regions-1464106368>>. Acesso 04 de jun. 2018.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

ARAFAT, Hisham. Kurds establish university in Rojava amid Syrian instability. Qamişlo: **Kurdistan24**. Disponível em: <<http://www.kurdistan24.net/en/news/dfa4b335-fe1c-4a3c-b5b6-7bc5848e9e97/Kurds-establish-university-in-Rojava-amid-Syrian-instability>>. Acesso em 30 de mai. 2018.

AUGUSTO, Acácio. Municipalismo libertário, ecologia social e resistências. São Paulo: **Revista Ecológica**, 2, 2011-2012, pp 64-98. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/download/9076/6684>>. Acesso em 24 de jan. 2017.

AYBOĞA, Ercan. **The New Justice System in Rojava**. Biehl on Bookchin. 13 de out. 2014. Disponível em <<http://www.biehlonbookchin.com/justice-system-in-rojava/>>. Acesso em 05 de jun. 2018.

BADRAN. Yazan & ANGELIS, Enrico de. 'Independent' Kurdish Media in Syria: Conflictin Identities in the Transition. Leiden: **Middle East Journal of Culture and Communication** 9 (2016), pp. 334-351.

BALCI, Fatih. **Politicization of Kurdish Question Through Human Rights Discourse in Turkey**. Dez. 2008. 251 f. Tese submetida ao Departamento de Língua e Literatura da Universidade de Utah. Dez, 2008. Disponível em: <<http://mec.utah.edu/graduate/theses.php>>. Acesso em 20 de jan. 2017.

BIEHL, Janet. **Kurdish Communalism Interview with Ercan Ayboga**. April 16 and September 20, 2011. Disponível em: <<http://www.biehlonbookchin.com/category/kurdistan/page/3/>>. Acesso em 18 de jan. 2017.

_____. Bookchin, Öcalan, and the Dialectics of Democracy. In. **Network for an Alternative Quest (ed.), Challenging Capitalist Modernity. Alternative Concepts and the Kurdish Quest**. Hamburg: Cologne: International Initiative Edition, 2012.

_____. **Ecology or Catastrophe: The Life of Murray Bookchin**. London: Oxford University Press, 2014.

_____. **Rojava's communes and councils**. Biehl on Bookchin. 31 de jan. 2015a. Disponível em: <<http://www.biehlonbookchin.com/rojavas-communes-and-councils/>>. Acesso em 23 de jan. 2017.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

_____. **Revolutionary Education.** Biehl on Bookchin. 07 de jan. 2015b. Disponível em: <<http://www.biehlonbookchin.com/revolutionary-education/>>. Acesso em 05 de jun. 2018.

BOOKCHIN, Murray; ENCKELL, Marianne & BOINO, Paul. **O bairro, a comuna, a cidade... Espaços libertários.** São Paulo: Nu-Sol/Imaginário/IEL, 2003.

BOOKCHIN, Murray. **Urbanization without Cities: the Rise and Decline of** Citizenship. New York: Black Rose Books, 1992a.

_____. **Municipalismo libertário.** São Paulo: Nu-Sol/Imaginário/SOMA, 1999.

_____. **The Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchy.** Palo Alto: Cheshire Books, 1992b.

_____. **Ecologia social e outros ensaios.** Organização e prefácio Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010

_____. **Murray Bookchin – Textos dispersos.** Lisboa: SOCIUS, 1998.

_____. **The Next Revolution: Popular Assemblies and the Promise of Direct Democracy.** London/New York: Verso, 2015.

BROOKS-POLLOCK, Tom. Russia unveils ‘proof’ Turkey’s Erdogan is smuggling Isis oil across border from Syria. **Independent.** 04 de dez. 2015. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/russia-releases-proof-turkey-is-smuggling-isis-oil-over-its-border-a6757651.html>>. Acesso em 04 de jun. 2018.

BRUINESSEN, Martin van. Genocide in Kurdistan? The suppression of the Dersim rebellion in Turkey (1937-38) and the chemical war against the Iraqi Kurds (1988). In: ANDREOPOULOS, George J. (ed). **Conceptual and historical dimensions of genocide.** Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1994.

CARTA DEL CONTRATTO SOCIALE DEL ROJAVA. Disponível em: <<http://www.uikionlus.com/carta-del-contratto-sociale-del-rojava-siria/>> Acesso em 01 de jun. 2018.

ÇANDAR, Cengiz. **Leaving the mountain: how may the PKK lay down armas?** Freeing the Kurdish Question from violence. Istanbul: TESEV, 2012.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

ÇETİN, Ferda. Otuz Yildir Hazirlanan Devrim. **Üç Aylık Düşünce ve Kuram Dergisi**, sayı: 8, 2014, pp. 41-43. Demokratik Modernite. Disponível em: <<http://studylibtr.com/doc/1344741/sayi--8- yeni-dergi---demokratik-modernite>>. Acesso 04 de jun. 2018.

CHARLEAUX, João Paulo. Qual a agenda da China na guerra da Síria. **Nexo**. 17 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/04/17/Qual-a-agenda-da-China-na-guerra-da-S%C3%ADria>>. Acesso em 04 de jun. 2018.

CHULOV, Martin; SHAHEEN, Kareem; WALKER, Shaun. US accuses Russia of 'Throwing gasoline on fire' of Syrian civil war. **The Guardian**. 01 out. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/30/russia-launches-first-airstrikes-against-targets-in-syria-says-us>>. Acesso em: 10 feb. 2017.

DIRIK, Dilar et al. **A Revolução Ignorada**: A liberação da Mulher, Democracia Direta e Pluralismo Radical no Oriente Médio. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

DILBAR, Fawzi. Turkish attack on Afrin: 'The Kurds put their trust in the US and the West'. **DW**. 24 fev. 2018. Disponível em <<http://www.dw.com/en/turkish-attack-on-afrin-the-kurds-put-their-trust-in-the-us-and-the-west/a-42727724>>. Acesso em 04 de jun. 2018.

DÜZGÜN, Meral. Jineology: The Kurdish Women's Movement. Duke: **Journal of Middle East Women's Studies**. Vol. 12, n° 2 , july 2016, pp. 284-287

EFRÎNÊ, Zanîngeha. **The Impact of the Military Campaign Against Afrîn University. Afrîn**, 2016. Disponível em: <<https://icafrinresist.files.wordpress.com/2018/02/en-report1.pdf>>. Acesso em 02 de jun. 2018.

ENZINNA, Wes. A Dream of Secular Utopia in ISIS' backyard. **The New York Times Magazine**. 24 nov. 2015. Disponível em: <[FERNÁNDEZ, David Pérez. El Problema Kurdo in Turquía: una cuestión de permanente actualidad. Espanha: **Revista Investigaciones Históricas. Época Moderna y Contemporánea**, 2007, v. 27, p. 231-252. Disponível em:](https://www.nytimes.com/2015/11/29/magazine/a-dream-of-utopia-in-hell.html?_r=)

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

<<http://bddoc.csic.es:8080/detalles.html?pid=554893&bd=ISOC&tabla=docu>>.

Acesso em 19 de jan. 2017.

GATAMAULA. El moviment feminista kurd. In. **La revolució ignorada: Feminisme, democràcia directa i pluralisme radical a l'Orient Mitjà**. Barcelona: Ed. Descontrol, 2015.

GRAEBER, David. Why is the world ignoring the revolutionary Kurds in Syria ?. Londres: **The Guardian**. 08 de out. de 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/oct/08/why-world-ignoring-revolutionary-kurds-syria-isis>>. Acesso em 20 de jun. 2017.

GUMRUKCU, Tuvam & NEHME, Dahlia. Turkey to U.S.: End support for Syrian Kurd YPG or risk confrontation. **Reuters**. 25 de jan. 2018. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-turkey/turkey-to-u-s-end-support-for-syrian-kurd-ypg-or-risk-confrontation-idUSKBN1FE297>> Acesso em 05 de jun. 2018.

HAMOU, Jamal. Will Syria's Kurds Succeed at Self-sufficiency? **Co-operative Economy in Rojava**. 26 nov. 2017. Disponível em: <<https://cooperativeeconomy.info/will-syrias-kurds-succeed-at-self-sufficiency/>>. Acesso em 04 de jun. 2018.

HOUSTON, Christopher. **Kurdistan: crafting of national selves**. Indiana: Indiana University Press, 2008.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Under Kurdish rule: Abuses in PYD-run Enclave of Syria**. 19 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.hrw.org/report/2014/06/19/under-kurdish-rule/abuses-pyd-run-enclaves-syria#page>> . Acesso em: 15 nov. 2016

IHS Markit. Islamic State territory down 60% and revenue down 80% on Caliphate's third anniversary. **IHS Markit Report**. 28 de jun. 2017. Disponível em <<https://ihsmarkit.com/research-analysis/islamic-state-territory-down-60-percent-and-revenue-down-80-percent-on-caliphates-third-anniversary.html>>. Acesso em 03 de jun. 2018.

JWAIDEH, Wadie. **The Kurdish national movement: its origins and development**. Syracuse: University Press, 2006.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

KNAPP, Michael; FLACH, Anja & AYBOGA, Ercan. **Revolution in Rojava: Democratic Autonomy and Women's Liberation in Northern Syria**. London: Pluto Press, 2016.

KREYENBROEK, Philip G. & SPERL, Stefan. *Te Kurds: A contemporary overview*. London: Routledge, 1992.

LEBSKY, Maksim. The Economy of Rojava. **Co-operative Economy in Rojava**. 14 de mar. 2017. Disponível em: <<https://cooperativeconomy.info/the-economy-of-rojava/>>. Acesso em 03 de jun. 2018.

LISTER, Charles. **The Free Syrian Army: A decentralized insurgent brand**. Washington: Brooking Institution, 2016.

MCDOWALL, David. **A modern history of the Kurds**. London: I.B.Tauris, 2004.
MARCUS, Aliza. **Blood and Belief: The PKK and the Kurdish Fight for Independence**. New York: NYU Press, 2007.

NEZAN, Kendal. **Qui sont les kurdes?** Paris: *l'Institut kurde de Paris*, 2016. Disponível em <<http://www.institutkurde.org/info/qui-sont-les-kurdes-s-1232550956>>. Acesso em 10 de dez. 2016.

ÖCALAN, Abdullah. **Prison Writings: The Roots of Civilisation**. Londres: Pluto Press, 2001.

_____. **Al pueblo Curdo y a la comunidad internacional**. 20 de março de 2005. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/xdeeqh3zb4z0yil/Al-Pueblo-Kurdo-y-La-Comunidad-Internacional.pdf>>. Acesso em 05 de jun. 2018.

_____. **Guerra e paz no Curdistão: Perspectivas para uma solução política da questão curda**. Köln: International Initiative, 2008.

_____. **Confederalismo Democrático**. Köln: International Initiative, 2012.

OLSON, Robert. The Kurdish Rebellions of Sheikh Said (1925), Mt. Ararat (1930), and Dersim (1937-8): Their Impact on the Development of the Turkish Air Force and on Kurdish and Turkish Nationalism. Kentucky: **Die Welt des Islams**, New Series, Vol. 40, Issue 1, 2000, pp. 67-94. Disponível em: <http://graduateinstitute.ch/files/live/sites/iheid/files/sites/international_history_p

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

olitics/shared/history_course_support_20132014/HI026/Olson%20The%20Kurdish%20Rebellions.pdf. Acesso em 15 de jan. 2017.

PAVIČIĆ-IVELJA, Katarina. **The Rojava Revolution: Women's Liberation as Answers to the Kurdish Question.** Časopis za povijest Zapadne Hrvatske, XI./11. 2016. Disponível em: <https://hrcaj.srce.hr/index.php?show=clanak&id_clanak_jezik=289046>. Acesso em 01 de jun. 2018.

PYD website. **Democraton Union Party,** 2017. Disponível em <<http://en.pydrojava.com/>>. Acesso em 20 de jan. 2017.

RUDAW. Rojava schools are open with PYD approved curriculum. Erbil: **Rûdaw,** 2015. Disponível em: <<http://www.rudaw.net/english/middleeast/syria/290820151/>>. Acesso em 28 mai. 2018.

SAYAN, Celal. **La construction de l'état national turc et le mouvement national kurde, 1918-1938.** Villeneuve-d'Ascq: Presses universitaires du septentrion, 2002.

SCPR. Syrian Center for Policy Research. **Confronting Fragmentation,** 2015. Disponível em <<http://scpr-syria.org/publications/confronting-fragmentation>> Acesso em 20 de jan. 2017.

SIMONS, Paul. Dispatches from Rojava. **Modern Slavery Magazine.** 21 out. 2016. Disponível em: <<http://modernslavery.calpress.org/?paged=3>>. Acesso em: 10 dez. 2017

SOHR. Syrian Observatory for Human Rights. **Documents.** Disponível em: <<http://www.syriahr.com/en/>>. Acesso em 20 de jan. 2017.

SVIRSKY, Meira. Adib Abdulmajid: Building Free Media in War torn Iraq and Syria. **Clarion Project.** 11 de mai. 2016. Washington: Clarion. Disponível em: <<https://clarionproject.org/adib-abdulmajid-building-free-media-war-torn-iraq-syria/>>. Acesso em 01 de jun. 2018.

TAYLOR, Rafel. As the prospect of Kurdish independence becomes ever more imminent, the Kurdistan Workers' Party transforms itself into a force for radical democracy. **ROAR Magazine.** 17 de ago. 2014. Disponível em: <<https://roarmag.org/essays/pkk-kurdish-struggle-autonomy/>> . Acesso em 20 de jan. 2017.

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

TAX, Meredith. The Rojava Model. **Foreign Affairs**. 14 de out. 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/2016-10-14/rojava-model>>. Acesso em 23 de jan. 2017.

YILMAZKAYA, Mahír. Education in Rojava after the revolution. Kobanê: **ANFNews**, 2016. Disponível em: <<https://anfenglish.com/culture/education-in-rojava-after-the-revolution-14891>>. Acesso em 04 de jun. 2018.

_____. Rojava Revolution became a lifeline for mother tongues. Kobanê: **ANFNews**. Disponível em: <<https://anfenglish.com/culture/rojava-revolution-became-a-lifeline-for-mother-tongues-18610>>. Acesso em 04 de jun. 2018.

YOUSEF, Amaad. Efrîn Economy Minister Yousef: Rojava Challenging norms os class, gender and power. **DIHA**. 22 de dec. 2014. Disponível em: <<http://diclenews.com/en/news/content/view/436354>>. Acesso em 03 de jun. 2018.

_____. Dr. Ahmad Yousef: Our goal is to clarify our thoery of Democrat Nations's economy. **Co-operative Economy in rojava**. 27 abri. 2018. Disponível em: <<https://cooperativeconomy.info/dr-ahmad-yousef-our-goal-is-to-clarify-our-theory-of-democratic-nations-economy/>>. Acesso em 04 de jun. 2018.

YPG website. **People's defense units**. 2017. Disponível em: <<https://www.ypgrojava.org/>>. Acesso em 21 de jan. 2017.

WEISS, Michael & HASSAN, Hassan. **Estado islâmico: desvendando o exercito do terror**. Seoman: Nova Iorque, 2015.

VÀZQUEZ, Jordi. Introducció al kurdistan. In. **La revolució ignorada: Feminisme, democracia directa i pluralisme radical a l'Orient Mitjà**. Barcelona: Ed. Descontrol, 2015.

Resumo:

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava

A pesquisa buscou apresentar a Revolução de Rojava, sua organização e sua estrutura ideológico-política, influenciada pela teoria do Municipalismo Libertário. Para atingir esse objetivo, o artigo procurou realizar um resgate histórico do povo curdo, sua luta por autonomia e o protagonismo do Parti Karkerani Kurdistan (PKK) (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) e de seu aliado sírio o Partiya Yekîtiya Demokrat (PYD)

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

O municipalismo libertário e a revolução em Rojava
Isaías Albertin de Moraes
Fernando Antonio da Costa Vieira

(Partido de União Democrática). Além de apresentar os principais conceitos do Municipalismo Libertário de Murray Bookchin e como ele vem sendo implantado em Rojava.

Palavras-chave: Revolução de Rojava; Curdos; Municipalismo Libertário.

Abstract:

The libertarian municipalism and the revolution in Rojava

The research aims to present the Rojava Revolution, its organization and its ideological-political structure, inspired by the Libertarian Municipalism theory. In order to achieve this goal, the article reviews the Kurdish people's history, their struggle for autonomy and the role of Parti Karkerani Kurdistan (PKK) (Kurdistan Workers' Party) and its Syrian ally Partiya Yekîtiya Demokrat (PYD) (Democratic Union Party). In addition the paper presents the main concepts of Murray Bookchin's theory, Libertarian Municipalism and how it has been deployed in Rojava.

Keywords: Rojava Revolution; Kurds; Libertarian Municipalism.